

A CONSTRUÇÃO DA METÁFORA EM BULE DE CAFÉ

THE CONSTRUCTION OF METAPHOR IN BULE DE CAFÉ

Andréia Lemos de Oliveira¹

Ricardo Magalhães Bulhões²

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre a metáfora em Bule de Café, livro de Luiz Camargo, 2007. Para este estudo nós usamos as reflexões de Aristóteles e as explanações da Teoria Anglo- Saxã. De acordo com estas teorias, a metáfora permite ao leitor conhecer outro significado do discurso porque ela aparece como um elemento de construção textual que está oculto, portanto seu significado precisa ser descoberto através da leitura e compreensão da narrativa completa. A construção da metáfora pode começar por dois processos presentes no enunciado literário, o denotativo e o conotativo. Denotação refere-se ao sentido literal de uma palavra, ou seja, a definição do dicionário, a conotação, por outro lado, refere-se às associações que podem estar conectadas a essa palavra por razões emocionais, por exemplo. Em outras palavras, o significado conotativo de uma palavra está ligado ao significado denotativo. Deste modo, a linguagem verbal e não verbal proveniente de Bule de Café fornece uma base para tornar compreensível algumas peculiaridades do discurso metafórico ao longo da narrativa do livro de Luiz Camargo.

Palavras-chave: Conotação e Denotação. Literatura infantil. Metáfora

Abstract: This article proposes a reflection on the metaphor in Bule de Café, a book by Luiz Camargo, 2007. For this study we use the reflections by Aristotle and Anglo Saxon's Theory. According to the theories, the metaphor enables to the lector knows other meaningful speech because the metaphor appears like a hidden element of the textual construction, therefore the meaning needs be to discovery through the reading and comprehension of the full narrative. The construction of the metaphor can starts for two processes into literary text, a denotative and connotative language. Denotation refers to the literal meaning of a word (the "dictionary definition"), connotation, on the other hand, refers to the associations that are connected to a certain word or the emotional suggestions. In other words, connotative meanings of a word exist together with the denotative meanings. Thus, the verbal and non-verbal language from Bule de Café provides a base to make comprehensible some peculiarities of the metaphorical discourse along the story line of the Luiz Camargo's book.

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas; membro do grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira – GEPHEB.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Professor Adjunto na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Três Lagoas, onde atua na Graduação em Letras e no Mestrado em Estudos Literários.

Keywords: Connotation and Denotation. Children's literature. Metaphor

Introdução

Luiz Camargo possui uma produção literária significativa. Escreveu, ilustrou e organizou vários livros, como *Bule de Café*, o objeto de estudo deste trabalho. A análise desenvolvida tem como ponto de partida um recorte do livro *Bule de Café*, publicado em 1982, momento em que se vivia a ditadura militar e o cerceamento à liberdade de expressão.

O livro infantil *Bule de café* faz parte de uma coleção chamada “Maneco Caneco” que é composta por quatro livros que Luís Camargo organizou na década de 80. Esses livros foram escritos de 1980 a 1982, assim, o primeiro a ser lançado foi *Maneco Caneco Chapéu de Funil* em (1980) seguido por *Panela de Arroz* (1980), *Folia de Feijão* (1982) e *Bule de Café* (1982).

Os livros supracitados possuem uma característica comum: a personagem que frequenta todas as histórias narradas nesses livros é um boneco, montado e construído por objetos de cozinha, por isso o nome Maneco Caneco.

No primeiro livro intitulado *Maneco Caneco Chapéu de Funil* (1980), Luís Camargo inaugura uma nova forma de construção da personagem. A personagem vai sendo construída por partes, ou seja, seu corpo vai sendo formado por alguns objetos de cozinha, o que torna a construção inusitada aos olhos dos leitores.

Nos outros três livros, Maneco Caneco vai vivenciar temáticas variadas que dialogam entre si e possibilitam aos leitores conhecer valores como por exemplo, a história de bens indispensáveis à sobrevivência humana que são os alimentos agregado a outro bem tão indispensável quanto que é a literatura.

Como nos esclarece Antonio Candido no livro *Vários escritos* (1995) “[...] Penso na sua distinção entre “bens compreensíveis” e “bens incompreensíveis”, que está ligada a meu ver com os problemas dos direitos humanos, pois a maneira de conhecer a estes depende daquilo que classificamos como bens incompreensíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém (p.240).

Assim como o arroz, o feijão, a água, a literatura também é um alimento indispensável à saúde humana. Cândido faz referência ao que se diz em “Literatura e a formação do homem” (1972). De certo modo, pode-se dizer que Maneco Caneco acompanha a trajetória do Feijão, do Arroz e do Café e nesse ínterim denuncia o descaso empregado a essas temáticas que nas narrativas apresentam uma linguagem polissêmica que permite várias interpretações no plano ficcional e ideológico.

Desse modo, Luís Camargo enfatiza nessas narrativas questões que fazem parte da vivência cotidiana de milhões de pessoas, que é a trajetória do plantio de um alimento até chegar às mãos dos consumidores. No entanto, o escritor não demonstra apenas as questões ligadas a essa produção, ele nos mostra uma carga ideológica muito grande em cada uma dessas narrativas que possibilita aos leitores refletirem sobre as ações políticas, sociais e econômicas de um país desigual, autoritário e manipulador que é fruto de um sistema capitalista e industrial.

Para tanto, o escritor se vale de metáforas para construir esses significados, ou melhor, para possibilitar a “transferência, transição, transporte” como nos esclarece Massaud Moisés (2004, p.281).

Desse modo, a metáfora construída por Luís Camargo no livro citado não segue o que Aristóteles (1964) descreve na *Arte retórica*, em que a metáfora tem papel secundário, por desempenhar, função de ornamentação, embelezamento, enfeite do discurso. Ao contrário, o livro nos permite verificar as metáforas veladas, encobertas sugeridas por Aristóteles.

1. A narrativa: *Bule de Café*

A história é narrada por meio de uma linguagem lúdica. A personagem é um bule de café que foi encontrado por outras personagens, Maneco Caneco e Leitão Leitor. Quando o bule é encontrado, outra personagem também aparece - Saci-Pererê e a partir desse encontro começam a busca pelo café. Nessa busca, as personagens descrevem o processo de manejo pelo qual a planta sofre até chegar ao consumidor. A seguinte passagem do livro comprova as explicações apresentadas.

Maneco Caneco Chapéu de Funil
E o Leitão Leitor foram andando
Por uma estradinha de terra,
Ao lado da estrada de ferro.
Foram andando, andando e encontraram...
Sabe o quê?
Tem asa mas não voa.
Tem bico mas não bica.
Anda sem ter pé.
O que é?
Bule de café!
- Será que o Café está? – Perguntou o Leitão Leitor.
-Vamos ver! – Disse o Maneco Caneco.
Maneco Caneco chamou:
- Café! Seu Café!
Ninguém respondeu (CAMARGO, 2007, p.2-6).

E assim, inicia-se a busca pelo almejado Café. Maneco Caneco e o Leitão Leitor passam por várias paisagens a procura do Café. Entram no mato, enfrentam poeirão encontram um pequeno pé de café e perguntam: “[...] Cadê o Café? – Tá Brotando! – Respondeu o pé de café” (CAMARGO, 2007, p.14).

A busca continua e eles encontram um cafezal bonito e ao perguntarem sobre onde está o café a resposta é “[...] Tá fazendo folha”. Caminha mais um pouco e encontra outro cafezal e novamente faz a pergunta e a resposta é que “[...] Tá fazendo Flor”. Até que ao encontrarem outro cafezal bonito e com frutinhas vermelhas, ele questiona sobre o café e o pé de café responde “[...] Tá dando frutinha vermelha” (CAMARGO, 2007, p.16-18). Maneco Caneco pede algumas frutinhas e coloca no

bolso. Vai até o terreiro e espalha o café para que o mesmo seque. Então ele descasca, torra e soca o café num pilão até que venha a ser pó.

Assim, ressurgem o Saci-Pererê com vários cacarecos que são os instrumentos as ferramentas necessárias para o preparo da bebida café. Como descreve o narrador:

De repente apareceu um rodãozinho!
Era o Saci-Pererê com um monte de cacarecos:
Colher, colherinha, xícara, copinho, caneca,
Coador, colher de pau, açúcar, água do rio...
... e o Bule de Café!
Maneco Caneco pegou:
Pó de café,
Água do rio,
Açúcar de cana,
Colher de pau,
Coador de pano,
Caneca de lata,
E lenha pro fogo (CAMARGO, 2007, p.26-28).

Como pode ser observado eles vivenciam todo o ciclo da germinação do café até que o mesmo esteja pronto para o consumo. Para finalizar a andança e o processo de descoberta do Café. Maneco Caneco:

Acendeu o fogo, ferveu a água,
Misturou o pó de café, pôs o açúcar e coou.
O café ficou pronto e pulou no bule.
- O café saiu! – disse Maneco Caneco.
Pretinho, quentinho, docinho e cheiroso!
Maneco Caneco e o Leitão Leitor tomaram o
Café e foram embora cantando (Camargo, 2007, p.30-32).

Em *Bule de Café*, Luís Camargo consegue inovar por meio da narrativa a literatura Infantil ao tratar de uma temática pouco convencional, que ainda não era tabu nas publicações destinadas ao público infanto-juvenil na década de oitenta: a luta pelo alimento. O que poderia ser uma história de celebração da natureza tem como pano de fundo, no texto subliminar, o universo dos adultos, o contexto social, político e econômico do Brasil.

A história é narrada com a utilização de uma linguagem simples, sem ser, entretanto, fácil e artificial, mas bela, capaz de fazer com que o leitor leia por deleite e não por obrigação.

O enredo em *Bule de Café* nos traz a ficção/realidade. Sobre isso Mesquita (1994, p.15) assegura:

Sendo a realidade vivida um sistema de múltiplas referências, a literatura se insere nela, tentando uma unificação dessa multiplicidade. Pode problematizá-la, discuti-la ou simplificar a visão que dela se pode ter. Pelo seu caráter de liberdade de discurso, de ação verbal ficcional, independentemente de qualquer objetivo pragmático, pode contribuir para desestabilizar “certezas” de sistemas que concorrem para desumanização do

homem, como a mecanização da vida, a tentativa de massificação das consciências; pode constituir um espaço de resistência contra esses sistemas, desde que não caia nas ciladas ideológicas dos lugares-comuns de ideais abstratamente apregoados, mas que na prática são constantemente traídos e negados.

A narrativa ficcional de Luís Camargo nos favorece o questionamento de uma realidade que está posta, de um sistema que banaliza e mecaniza a vida e convida os leitores a desvelarem no texto essa construção escrito/inscrito e assim acrescentar ao que descobriram ao lerem. A descoberta, no entanto, dependerá se

[...] Este sentido desliza entre as formas verbais que compõem a obra, se revela, se oculta ou se burla em estrutura semântica latente ou manifesta. A instrumentalização teórica será, juntamente com a informação histórico-cultural, fator da valia inestimável para melhor apreensão/compreensão, na obra lida, de um real possível, de um mundo aí apresentado/representado/produzido (MESQUITA, 1994, p.13).

Assim, o sentido e o significado de uma obra será desvelado quando em um jogo de ir e vir do real ao imaginário, do encobrir/ descobrir, o leitor passe a fazer reflexões mediante suas vivências e parta para análise (PAES, 1997).

As descrições apresentadas no livro permite que se observe os obstáculos enfrentados pelas personagens até descobrirem o cafezal. Elas precisaram passar por uma paisagem árida e sem vida, mas que ao final, revela-se verde e viva, se parece ao encobrir/ descobrir sugerido por Paes.

2. A metáfora existente nos textos: verbal e no não Verbal

Assim, na tentativa de revelar as metáforas existentes nos textos: verbal e não verbal, a análise do livro *Bule de Café*, a ser apresentada, será feita mediante a compreensão dos elementos que compõem sua configuração, isto é, a gama de informações que o texto nos proporciona, recorrendo à leitura, proposta por Gérard Genette (2009), dos paratextos editoriais, vistos como sendo uma sequência mais ou menos longa de enunciados cheios de significação.

Esses elementos abrangem todas as partes componentes do texto, envolvendo desde os elementos pré-textuais até os textuais, bem como as reflexões apontadas por Grácia-Rodrigues (2006) sobre as teorias defendidas tanto pela teoria aristotélica como pela anglo-saxã de que a construção da metáfora fundamenta-se na ideia de que há duas linguagens: uma com sentido conotativo e outra com sentido denotativo.

Sendo assim, no livro *Bule de Café* procuraremos nos fundamentar nos estudos empreendidos sobre as linguagens denotativa e conotativa bem como pautaremos a análise nas ideias defendidas pela corrente lógico-filosófica, que entende a metáfora em nível de enunciação, de predicação, operando no campo sintagmático, dessa linha faz parte a teoria anglo-saxônica de Ivor Armstrong Richards, Max Black e Monroe Beardsley. De acordo, com esses teóricos a metáfora não recairia apenas na palavra,

mas na interação estabelecida pelo contexto da frase (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006). Assim, de acordo com Grácia-Rodrigues

As teorias edificadas sobre uma estrutura predicativa, isto é, de metáfora-enunciado, põem em relevo a focalização da palavra com relação a seu entorno. O *foco* é uma palavra, a *moldura* é uma frase; é sobre o *foco* que atenção se volta. É ainda por um efeito de focalização da palavra que a interação ou a tensão se polariza sobre um *tenor* ou *vehicle*; é no enunciado que se relacionam um com o outro (2006, p.192).

De tal modo, o ponto chave da teoria desses três teóricos é de que a metáfora é “[...] um caso de atribuição. Requer um sujeito e um modificador [...]” (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006, p.191). E é partindo dessa constatação que empreenderemos a leitura analítica do livro.

Essas teorias possibilitarão verificar a poética de Luís Camargo empregada na narrativa *Bule de Café*.

O livro, *Bule de Café*, de Luís Camargo, apresenta em sua capa a ilustração dos personagens Maneco Caneco e o Leitão-Leitor, que aparecem sentados em frente ao Bule de café e de uma açucareira. O Leitão-Leitor segura uma xícara enquanto Maneco Caneco segura uma caneca, estão felizes e parecem brindar com a bebida o café quente. Ao lado e no chão encontra-se um galho carregado de frutinhas vermelhas - o café.

As cores das ilustrações são em tons vivos, com alternância de cores quentes e frias, criando um todo harmônico, uma imagem festiva.

A capa traz informações como o título do livro em negrito, em caixa alta e centralizada em local de destaque, abaixo nota-se o nome do autor. No canto direito aparece o símbolo da editora Ática e mais ao canto consta uma faixa verde com o nome da coleção “Maneco Caneco”.

Na quarta capa, toda em verde pode-se observar o logotipo da coleção “Maneco Caneco” bem como abaixo e do lado direito a indicação da faixa etária. No alto alinhado a esquerda encontra-se o resumo do livro, uma pequena história sobre a coleção e os títulos que a edição ganhou.

O livro tem o formato de brochura. Na contracapa podemos verificar todas as informações técnicas, e conferir as recomendações feitas pela FNLIJ, em 1982. Na página de rosto, encontramos o título da obra e o nome do escritor. Nesta página vemos a imagem de um bule de café.

As ilustrações são de autoria do próprio escritor, as imagens dialogam com o texto e completam a beleza da narrativa. Luís Camargo usa a técnica lápis de cera cujos contornos escuros favorecem a identificação direta da figura desenhada, quer dizer, os personagens parecem ter vida. Por essa razão, a ilustração é um recurso extremamente importante ao gênero literatura infantil, pois ela medeia o processo de assimilação e proporciona aos leitores contato visual. No livro *Bule de Café*, a ilustração permite ao leitor ter contato com a obra de forma imaginária e criativa. Sandroni (1998) assinala que

Outro componente importante na produção editorial para crianças e jovens é a ilustração. Num mundo em que o visual tem função preponderante sobre o texto através dos meios de comunicação de massa, o livro infantil não poderia deixar de aperfeiçoar seus aspectos gráficos a fim de competir no mercado, como objeto de consumo que é. Por outro lado, é importante lembrar que num país onde o analfabetismo continua desafiando planos e campanhas governamentais e em que a maior parte dos que ingressam na rede oficial de ensino provém de famílias que não aprenderam a ler, a linguagem pictórica tem valor próprio e, no processo de elaboração da linguagem, tem papel primordial [...] (SANDRONI, 1998, p. 24).

Deste modo, as ilustrações contidas no livro são ricas em detalhes e totalmente criativas, sendo, neste caso, o leitor - a criança, o adolescente e até mesmo o adulto - participante, porque se identifica com os personagens descritos e ilustrados, ao criar e recriar, de forma lúdica, situações contidas na história.

É o que assegura Nelly Novaes Coelho “Ainda utilizando lápis de cera, Luís Camargo torna suas ilustrações cada vez mais próximas dos desenhos infantis, o que evidentemente é dos fatores decisivos da imediata identificação da criança com esta estória tão simples, mas tão gostosa de ser vista ou lida... além de ser a estória da bebida mais popular e mais característica do Brasil” (1995, p.618).

A escrita (mancha) aparece no texto acima das ilustrações que perpassam todas as páginas; o tipo de letra e o tom escolhido fazem com que esta seja bem visível.

Conforme o enredo se desenvolve, vêm à tona o humor e a fantasia presentes nas linhas e entrelinhas, envolvendo o leitor, que passa a se identificar e pactuar com o protagonista e anti-herói Maneco Caneco que como afirma Paio e Oliveira é “[...] feito de restos de uma heroicidade perdida” (2006, p. 38).

E esse ato compactuado e a identificação com o personagem não são feitos de maneira superficial, tampouco frustrante, pelo fato de que o questionamento para se chegar ao desfecho do caso é posto a todo instante.

Dessa maneira, considerando que nada é posto gratuitamente, o leitor vai criando estratégias e levantando hipóteses até o final, que é divertido e feliz. Pode-se deduzir, então, que o livro é interativo, pois convoca a participação do leitor que travestido em Leitão-Leitor segue junto à personagem (PAIO, 2006).

A narrativa de *Bule de Café* constrói a intertextualidade com outros textos como o conhecido trem de ferro de Manuel Bandeira, bem como estabelece um diálogo com a figura folclórica de saci-pererê, criado por Monteiro Lobato. Um exemplo do diálogo com o folclore é o emprego de adivinhas. Como pode ser observado, todos os elementos que constituem o livro são importantes para demonstrar as imagens contidas nele.

O livro *Bule de Café* pode ser dividido em duas partes que não se excluem, mas que se completam e dialogam mutualmente. Essas partes são as histórias narradas tanto pela linguagem verbal como pela visual ou não verbal. Tais Linguagens possibilitam aos leitores intuírem várias reflexões que partem do imaginário e que são levantadas por intermédio da junção dos elementos que constituem o livro sendo esses os pré-textuais e os textuais.

Na história narrada em texto é verificável como já foi descrito anteriormente a busca dos personagens pelo alimento café, essa busca vai ocorrendo e desvelando ao

mesmo tempo as várias fases de germinação desde a semente até o fruto estar pronto para o consumo.

Isso é o que está escrito no livro em forma de texto. Porém, ao mesmo tempo outra história vai sendo construída visualmente aos olhos dos leitores por meio da ilustração. Essa história que parte da linguagem não verbal é rica em detalhes, cores, formas, sons e possibilita aos leitores verem situações que não foram descritas no enredo pelo escritor, são os detalhes que o ilustrador evidencia na ilustração e permite a seu leitor ver e viver duplamente uma história, nesse caso, a do alimento café.

Paralelamente a essas duas histórias narradas e construídas configura-se uma imagem no leitor. Essa imagem é a “atribuição”, ou seja, é o desvio que a metáfora proporciona. A “mimesis” que vai sendo criada tanto pelo texto verbal como pelo texto não verbal.

No livro o *foco* se volta para a palavra “Café” e a *moldura* é a frase “Bule de café”. É nesse objeto criado pelo escritor que reside o ponto de referência, o poder da metáfora de projetar e revelar um mundo, mas ele é uma referência que isolada não revela a metáfora do texto.

Assim, a partir da função simbólica desse objeto é que poderemos intuir e verificar o caráter metafórico da história que não é apenas uma historinha pueril das fases de germinação do Café, mas história de pessoas e suas dificuldades de sobrevivência em um país onde se percebe muitos conflitos oriundos, da implantação do sistema capitalista.

Essas questões são propostas pelo objeto simbólico “Bule de café” e no livro eles são assegurados pela junção dos elementos da narrativa que sem as quais ela não existiria como nos esclarece Gancho (2000, p.9) “[...] sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente que caracteriza a narrativa [...]”.

Como visto, são cinco os elementos: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Esses elementos são fundamentais e juntos anunciam a metáfora do texto.

Os personagens utilizados para vivenciar o enredo já descrito no texto, são: o protagonista e anti-herói Maneco Caneco seguido pelas personagens planas: Leitão-Leitor, Saci-Pererê e o Pé de café. Ele é uma personagem que aparece no texto não verbal para o leitor como sendo um boneco montado por meio de vários objetos da cozinha, ou melhor, é como nos descreveu Coelho (1995, p.617) “Assim, uma porção de coisas inúteis vão se juntando para no final formarem uma coisa nova e atuante: o Maneco Caneco que terá uma nova função no mundo”.

Essa é a configuração da personagem um ser que pode ser montado, criado e recriado pelo leitor a todo instante. Maneco Caneco é responsável por conduzir as expectativas criadas pelo enredo, ele quem vai desvelando na companhia dos outros personagens a história.

Maneco Caneco representa uma sociedade industrial, capitalista. Ele travestido de homem máquina nos revela essa sociedade cinza e metalizada que a época em que o livro foi escrito década de oitenta estava sofrendo essas modificações ocorridas com a Revolução Industrial e que nos afeta diretamente na atualidade. Assim, é uma

personagem que foi montada peça por peça por Luís Camargo, é um anti-herói que teve sua heroicidade perdida.

As características físicas dessa personagem não são descritas no texto verbal do livro o que levaria o leitor a pensar que essa fosse um menino, um homem ou qualquer outra coisa, no entanto, a ilustração do mesmo nos permite verificar quem é esse ser. O visual e o verbal se dialogam constantemente.

O personagem Leitão-Leitor vivencia toda a busca junto com o protagonista, na ilustração ele aparece carregando Maneco Caneco em seu lombo. De acordo, com Paio e Oliveira (2006) o público infantil entra na história por meio desse personagem que os conduz.

O Leitão-Leitor é um personagem que nos leva a refletir sobre como pode um animal sujo, imundo e mal visto pela sociedade ser leitor? Um Leitão-Leitor? Essas indagações perpassam a construção desse personagem.

Ele representa grande parcela da população Brasileira que estão invisíveis aos olhos de nossa sociedade, mais especificamente de uma parcela enorme de analfabetos que não podem ler e escrever, ou seja, uma grande parcela que é esquecida e que de certo modo podem acompanhar a história por intermédio desse personagem que vive na narrativa o que muitos não podem viver na realidade.

Já o personagem Saci-Pererê é um mito histórico e também personagem das histórias do consagrado Monteiro Lobato, no livro ele aparece no enredo quando Maneco Caneco encontra o Bule, juntamente com o Leitão-Leitor e ao questionarem se tinha café nesse bule e não obterem resposta eles resolvem dar umas batidinhas no mesmo e, é aí, que ao levantar a tampa do Bule surge em meio a uma fumaceira o Saci-Pererê fumando seu cachimbinho.

A partir daí o Saci dá algumas pistas que são necessárias para as personagens encontrarem o café. Esse personagem só retorna no enredo ao término da busca quando Maneco Caneco vai preparar a bebida. Ele ressurgiu para ajudar e finalizar essa história reaparece trazendo vários instrumentos que serão necessários para o preparo do café.

Esse personagem também representa outra parcela da população que é deixada de lado e que na nossa sociedade sofrem diariamente ações preconceituosas, os negros. Nos livros de Monteiro Lobato o personagem Saci-Pererê já denunciava essa discriminação.

O Pé de café é o personagem que auxilia os outros personagens a encontrarem o café, na medida em que eles vão andando os pés de café indicam onde poderá estar o café já no ponto para ser manipulado para o consumo. Esse personagem por sua vez demonstra o processo de germinação, como também o processo de manipulação até o café se transformar nessa bebida popular que já foi considerada o ouro do nosso país e até hoje resiste às transformações tecnológicas ocorridas em nossa sociedade.

Assim, quanto às personagens, é pertinente as reflexões levantadas por Antonio Candido quando esclarece:

A personagem é um ser fictício,- expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de ser fictício, isto

é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (2011, p.55).

E as personagens que foram descritas comunicam a impressão de que são verdadeiras no contexto em que foram criadas. Sendo indispensáveis à narrativa por possibilitar essas imagens que nos saltam do imaginário.

O tempo da narrativa *Bule de Café* é cronológico, pois transcorre na ordem natural dos acontecimentos, ou seja, possui começo, meio e fim. Os personagens saem em busca do café e caminham em um espaço aberto sobre a luz do sol em uma região árida, ressecada que lembra um deserto ou a região nordeste de nosso país. Nesse espaço de terra e naquela paisagem seca, sem vida eles viajam ao lado de uma estrada de ferro a procura do café.

O ambiente apresenta uma imagem contraditória o progresso e o esquecimento, pelo fato de que a figura do trem se choca com a escassez de recursos do espaço descrito, o ambiente é humilde.

A região descrita está morta tanto que na ilustração da página 12 e 13 é possível visualizar uma cova com uma cruz e as palavras Poeirão! Poeirão! Poeirão!. Ou seja, o questionamento é posto a todo instante, será que Maneco Caneco e as outras personagens vão encontrar o café (símbolo de riqueza, progresso e vida), frente a essas adversidades encontradas pelo caminho?

O texto não verbal apresentado nos possibilita verificar detalhes que não foram escritos. A ilustração tem papel fundamental ao ser humano. Sendo assim, Ítalo Calvino no livro *Seis propostas para o próximo milênio* no capítulo intitulado “Visibilidade” nos apresenta a importância da imaginação visiva.

Para ele a criação parte dessa imaginação que deve ser estimulada, para tanto é necessário *pensar* por imagens. Assim, esclarece,

É claro que se trata de uma pedagogia que só podemos aplicar a nós mesmos, usando métodos a serem inventados a cada instante e com resultados imprescindíveis. A experiência de minha formação inicial é já a de meu filho da “civilização da imagem”, ainda que ela estivesse em seu início, muito distante da inflação atual. Digamos que eu seja filho de uma época intermediária, em que se concedia bastante importância as ilustrações coloridas que acompanhavam a infância, em seus livros, seus suplementos juvenis e seus brinquedos. Creio que o fato de ter nascido naquele período tenha marcado profundamente a minha formação. Meu mundo imaginário foi influenciado antes de mais nada pelas figurinhas do *Corriere dei Piccoli* que era a época o mais difundido dos semanários infantis. Falo de um período de minha vida que vai dos três aos treze anos, antes que a paixão pelo cinema se tornasse para mim um delírio absoluto que durou toda a minha adolescência. E mais, creio que o período decisivo tenha sido entre os três e os seis anos, antes de aprender a ler (CALVINO, 1990, p.108).

Contudo, o livro de Luís Camargo apresenta um texto não verbal que é rico em suas ilustrações permite à criança, ao adolescente ou adulto imaginar visivelmente uma

realidade que estava mascarada na narrativa. E com o texto verbal podemos ver também outra imagem que é a apresentada pelo narrador onisciente e pelas personagens em discurso direto.

Sendo assim, o livro *Bule de Café* apresenta uma dupla imagem que é criada por uma única metáfora. Ou seja, ao lermos o livro temos uma impressão imaginativa e ao ver e imaginar o livro nós temos outra impressão que unidas nos proporcionam o diálogo entre o verbal e o não verbal uma vez que esses não poderiam caminhar isolados pois fazem parte do mesmo processo metafórico.

Desse modo, a metáfora possível no texto verbal e no não verbal do livro descrito aparece quando reunimos todos os elementos que constituem essa narrativa. Quando da organização do contexto. “[...] Esta organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos” (CANDIDO, 2011, p. 80).

Ao unirmos esses dados que foram coletados e descritos, por intermédio do livro é visível que todos os elementos dialogam e possibilitam intuir a metáfora dos textos. Apesar de partirmos da palavra “Café” o desfecho não reside nessa. Nesta palavra, mas as atenções voltam para o objeto criado pelo escritor – o bule de café. No entanto, esses se tornam elementos partes de um contexto mais amplo que é a narrativa com sua estrutura.

Segundo Ítalo Calvino (1990, p.110) vários são os elementos que se unem para formar a parte visual da imaginação literária sendo:

[...] a observação direta do mundo real, a transfiguração fantasmática e onírica, o mundo figurativo transmitido pela cultura em seus vários níveis, e um processo de abstração, condensação e interiorização da experiência sensível, da importância decisiva tanto na visualização quanto na verbalização do pensamento.

Ao analisarmos a narrativa e unirmos todas as partes o foco recaiu sobre a Metáfora poética. Essa conforme assegura Grácia-Rodrigues é

[...] denominada de segundo grau, que se fundamenta essencialmente em imagens, isso é, em representações mentais. O elemento de ligação entre os termos baseia-se em analogias tiradas do mundo emocional do poeta. São metáforas sem motivação semânticas, de relações externas e subjetivas, que criam imagens novas, distantes e irracionais, com variantes sinestésicas, fanopeicas, cromáticas, arrojadas, míticas (2006, p.195).

E é essa que nos leva a intuir que no verbal e no não verbal o pé de café vai se transformando do mesmo modo que a sociedade vai se transformando é um processo contínuo. Ao crescer ele dará fruto, no entanto, nossa sociedade com o progresso muitas vezes não produz e muito menos oferece frutos aos cidadãos menos favorecidos, parece retroceder em seu progresso discriminatório e fragmentado.

Os instrumentos tragos pelo Saci-Pererê para Maneco Caneco são ultrapassados se formos pensar nos utensílios utilizados hoje para se fazer a mesma bebida, são máquinas modernas que fazem todo o processo.

Mas, quem são as pessoas que tem acesso a esse maquinário, e quais as pessoas que utilizam o modo descrito pelo Maneco Caneco ou quem utiliza o Bule de café? Muitos são os que estão à margem desse progresso tecnológico e muitos são os que ainda sobrevivem em uma região árida que nada dá e nada tem nem mesmo um café com pão para se alimentar.

A narrativa apresenta a luta de milhões de brasileiros pelo alimento, nesse país desigual que não oferece as minorias condições sociais e econômicas mínimas para a sobrevivência. O desvio identificado pela metáfora nos permite perceber essas questões ideológicas que estão presentes nos textos não de forma explícita essas se encontram na subjetividade presente na linguagem conotativa nas entrelinhas do discurso.

Os menos favorecidos oprimidos são representados a todo o momento na narrativa sejam pelas personagens, pela intertextualidade ou por todos os elementos que fizeram parte desse contexto. Sobre isso recorreremos às palavras de Ítalo Calvino que completa:

“Seja como for, todas as “realidades” e as “fantasias” só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto” (CALVINO, p.114).

Luís Camargo organiza um discurso que por ser artístico nos permite ver no texto verbal e no não verbal uma sequência de imagem em imagem, uma vez que a ilustração possibilita narrar por meio de imagens em consonância com o texto literário.

Sendo assim, Luís Camargo no livro *Bule de Café* alia essas duas linguagens para construir por meio da diegese um discurso totalizador que nos leva a intuir uma metáfora ao quadrado ou dupla metáfora. O que de acordo com Calvino,

“podemos distinguir dois tipos de processo imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal. O primeiro processo é o que ocorre normalmente na leitura: lemos por exemplo uma cena de romance ou a reportagem de um acontecimento no jornal, e conforme a maior ou menor eficácia do texto somos levados a ver a cena como se esta se desenrolasse diante de nossos olhos, se não toda a cena, pelo menos fragmentos e detalhes que emergem do indistinto. No cinema, a imagem que vemos na tela também passou por um texto escrito, foi primeiro “vista” mentalmente pelo diretor, em seguida reconstruída em sua corporeidade num set, para ser finalmente fixada em fotogramas de um filme. Todo filme é, pois, o resultado de uma sucessão de etapas, imateriais e materiais, nas quais as imagens tomam forma; nesse processo, o “cinema mental” da imaginação desempenha um papel tão

importante quanto o das fases de realização efetiva das sequencias, de que a câmera permitirá o registro e a moviola a montagem. Esse cinema mental funciona continuamente em nós – e sempre funcionou, mesmo antes da invenção do cinema – e não cessa nunca de projetar imagens em nossa tela interior (1990, p.99).

A descrição feita por Ítalo Calvino sobre o “cinema mental” ilustra bem o que ocorre na narrativa de Luís Camargo, pois esse se vale desses dois processos imaginativos e desenvolve dois textos ao mesmo tempo em que são ricos por proporcionar aos leitores imaginarem visivelmente esses conflitos ideológicos, sociais e econômicos. E ao criarem visivelmente por ser um texto duplo nos possibilita uma dupla metáfora.

Luís Camargo, em *Bule de Café*, nos possibilita transitar em uma via de mão dupla entre o real e o imaginário, utiliza-se de uma linguagem conotativa se vale de uma “[...] metáfora que institui, portanto, um elo mental entre duas realidades distantes, que se fundem em uma imagem subjetiva e arrojada [...]” (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006, p.198).

Considerações Finais

Conclui-se assim, que o escritor Luís Camargo possibilita a seus leitores o contato com uma literatura que não é fácil, nem artificial e muito menos possui caráter pedagógico. Sua narrativa é metafórica e trata de uma questão ideológica: a busca pelo alimento em prol da sobrevivência.

Assim, além de nos favorecer a reflexão sobre o alimento e as desigualdades existentes contra as minorias. Ele também nos oferece a arte como um alimento tão importante à sociedade, mas muitas vezes o acesso à arte aparece de modo tão apagado no cotidiano, que as minorias nem a percebem.

Para finalizar este estudo, é importante observar que o autor usa a poetização e prefere a linguagem conotativa para organizar o seu discurso narrativo e assim, constrói a metáfora por meio da imagem que podemos ler nos textos verbal e não verbal.

Referências

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte poética*. Tradução Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.
- BOSI, Alfredo. Imagem, Discurso. In:_____. *O ser e o tempo da poesia*. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 13-36.
- CALVINO, Ítalo. Visibilidade. In:_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 97-114.
- CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: ed. Lê, 1995.

- CAMARGO, Luís. *Bule de Café*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, n.24, v.9, set. 1972.
- _____. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263
- _____.et al. *A personagem de ficção*. 12 ed. São Paulo perspectiva, 2011
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de literatura infantil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar Narrativas*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- LIMA, Luiz Costa. Metáfora: do ornato ao transtorno. In: _____. *Aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 123–186.
- MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1994
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- PAES, José Paulo. Para uma pedagogia da metáfora. In: _____. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. p. 11–34.
- PAIO, Maria José. *Literatura Infantil: voz de criança*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006
- PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- GRACIA-RODRIGUES, Kelcilene. *De corixos e de veredas: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa*. 318 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2006.